

## LIÇÃO DO CÔA - PONTO DE VISTA DE UM REPÓRTER

por

**José Gomes Bandeira\***

1. Era como se as pessoas sentissem que lhes queriam tirar algo de transcendente e poético, qualquer coisa que lhes materializava a memória e o sonho e as levava ao encontro de coisas aprendidas já não sabiam onde. Tudo o que estava à sua frente — contornos sobrepostos de animais de múltiplas dimensões, gravados no xisto há milhares de anos — lhes parecia agora familiar. O olhar, as palavras e os gestos repetiam finíssimos e, por vezes, imperceptíveis traços que se iam descobrindo na face da rocha. A visita de Mário Soares, quando a aceleração das obras radicalizara a polémica, tinha levado muita gente ao vale do Côa nesse dia inesquecível dos meados do Inverno.

2. Com o andar do sol e o enfraquecer da luz avivavam-se as formas dos bichos e durante horas as pessoas subiram e desceram a encosta para ver de perto as gravuras rupestres. Um pequeno grupo, junto à famosa «rocha nº 1», na Canada do Inferno, ouvia Antonio Beltrán que fazia surpreendentes comparações entre os cavalos e os auroques gravados no alto da pedra onde agora apoiava a sua mão cansada e as pinturas, que conhecia em pormenor, das grutas de Lascaux e Altamira. «As gravuras do Côa são fantásticas», dizia. O velho catedrático de Saragoça, mais de sessenta anos de investigações sobre arte paleolítica no currículo, estava tão emocionado como aqueles que o ouviam.

3. Agora, decorridos que estão estes (tão longos) meses, recordo aquela tarde de silêncios e de espantos, de tensões e ansiedades, e pergunto-me se as obras da barragem não ficaram definitivamente interrompidas pela magia, que tanta gente era capaz de testemunhar, das vozes longínquas que «perturbavam» a quietude do esquecido afluente do rio Douro naquela tarde de Fevereiro. Não, não

---

\* Licenciado em Direito (Universidade de Coimbra); jornalista do JN.

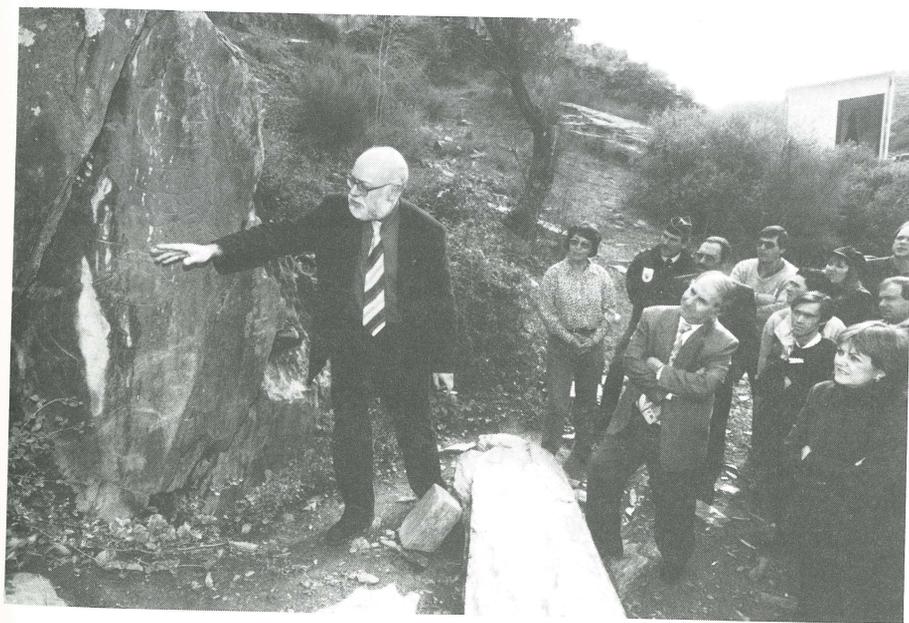
era possível afundar um tal museu. A «lógica» da barragem acabava de ser destruída pela alegria dos cânticos gravados nas rochas e que, finalmente, vinham ao nosso encontro.

4. Já se sepultou muita da memória cultural e patrimonial existente em território português. Depois de Foz Côa é difícil conceber que tais situações se repitam, como até há pouco, no silêncio e na impunidade. Quando se acorda tarde para o problema dos recursos hídricos, um sítio paleolítico como o de Foz Côa não pode servir de alibi para o desleixo e a incompetência. A mobilização internacional em torno deste problema, marcado pelo facto inédito das manifestações a favor da arte da Pré-História, tornou verdadeiramente simbólico este empenhamento pela defesa das gravuras rupestres do norte de Portugal. A suspensão do projecto da barragem tem um significado que não se circunscreve à zona do «conflito». O fim desta barragem mal pensada acompanha uma denúncia e um protesto, partilhados nos jornais e nas ruas de diversos países, contra as decisões que desprezam patrimónios como o de Foz Côa ou que invocam razões da cultura apenas quando elas lhes são particularmente vantajosas...

5. Se nos lembrarmos bem, podemos ver que foi o próprio Côa quem deu a melhor ajuda para o defender dos ataques às riquezas que «escondia»: quando os senhores do poder queriam diminuir o seu valor, mais e mais belas gravuras se descobriam nas encostas; quando «peritos» lhes queriam roubar os anos, novos achados surgiram em escavações; quando ensaiavam o arrancar das pedras, sabia-se de centenas de mais gravuras já afundadas pelas obras, e ainda de outras que se estendiam por quilómetros de vale; quando alguns falavam de «rabiscos», vinham arqueólogos de toda a parte e confessavam-se deslumbrados.

Quando «investidores» faziam as suas contas, veio um Governo e devolveu Foz Côa à região, ao país e ao mundo.

6. Finalmente, os nossos arqueólogos souberam prescindir de «lições» encomendadas por terceiros. Com os achados do Côa, a Arqueologia portuguesa também iniciou uma mudança.



Dois aspectos da visita de membros do governo às gravuras de Penascosa em Novembro de 1995. Fotos: J. Paulo Coutinho.



Membros do governo e arqueólogos convivendo em frente ao conjunto de gravuras paleolíticas de Penascosa (Novembro de 1995). Foto: J. Paulo Coutinho.